

Platão contra os sofistas: sobre a retórica

Roberto C. G. Castro¹

Resumo: Este artigo mostra o uso que os sofistas fizeram da retórica na Grécia antiga e as críticas de Platão a esses mestres da linguagem.

Palavras Chave: Platão – sofistas – retórica – Grécia antiga.

Plato against sophists: on rhetoric

Abstract: This paper shows the uses of rhetoric made by sophists in Ancient Greece and the criticism by Plato against these masters of language.

Keywords: Plato – sophists – rhetoric – ancient Greece.

O discurso dos sofistas

Os sofistas foram aqueles que levaram até as últimas consequências a tradição de retórica dos pitagóricos, baseada no encantamento produzido pelas palavras. Mestres da linguagem e da arte de persuadir, eles percorriam as cidades do mundo grego para ensinar retórica a quem se dispusesse a pagar por isso. Tornaram-se, assim, os primeiros professores da história – tal como são conhecidos hoje esses profissionais que ganham um salário para ensinar – e provocaram uma verdadeira revolução na educação em sua época. Antes deles, apenas os nobres e seus filhos tinham acesso ao aprendizado da arte retórica, que, como vimos nos capítulos anteriores, era a condição necessária para o cidadão se distinguir naquela sociedade. Com os sofistas, esse acesso foi expandido. Agora, não apenas os nobres, mas também aqueles que dispunham de recursos para pagar um sofista podiam aprender a arte retórica e ganhar notoriedade e respeito de seus concidadãos.

Os principais sofistas – palavra que significa “sábios” em grego – foram Protágoras, Górgias, Pródico e Hípias. Eles são muito diferentes entre si, razão por que não se pode falar numa “escola de pensamento sofisticada”, como se fala em “escola platônica” ou “escola aristotélica”. Os sofistas não têm um mestre pensador a quem seguem e cada um deles possui interesses diversos. No entanto, conservam algumas características em comum, que são consideradas suas “marcas registradas”.

Uma delas é o relativismo, a ideia de que não existem verdades absolutas nem certezas inquebrantáveis. O que é verdade em Atenas não é verdade em Esparta, diziam os sofistas, que aplicavam esse relativismo a todas as áreas da vida – entre elas, a moral, a religião e a política. A moralidade varia de acordo com o local em que se vive. Certos deuses são mais venerados numa cidade e menos em outra. Não há um regime de governo ideal, já que determinadas comunidades vivem melhor sob a

¹ Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de Teorias da Comunicação do Centro Universitário das Faculdades Integradas Alcântara Machado (Fiam), em São Paulo. Contato: rccastro@usp.br.

democracia, outras preferem a oligarquia e outras ainda escolhem a monarquia. Tudo é relativo.

É famosa a distinção que os sofistas faziam entre o que é natural, dado pela natureza, e aquilo que é cultura, histórico, produzido pelo homem. Em outras palavras, a oposição entre *phýsis* (natureza) e *nómos* (costume, lei, cultura). O que é por natureza não pode ser mudado. É dado pela natureza, por exemplo, que o homem precisa se alimentar e dormir. Já o que é cultura está sujeito à mudança. A moral, a religião, a política e tudo o que se refere à vida dos homens eram considerados cultura pelos sofistas e, portanto, passíveis de alteração. Se foi um homem – e não um deus – que estabeleceu uma lei no passado, nada impede que um homem hoje revogue tal lei e crie uma nova.

Esse comportamento faz com que os sofistas submetam todas as coisas ao crivo da dúvida e da crítica, o que está na base do seu ateísmo – outra das características desses mestres da linguagem. Para eles, os deuses não existem. Se existem, estão muito distantes do mundo dos homens e, indiferentes a estes, não interferem no destino humano.

Também a caracterização de alma é comum a todos os sofistas. Segundo eles, a alma é essencialmente passiva e aberta a tudo o que recebe de fora. É por isso que o orador, se utiliza as técnicas corretas, “conduz” o público para onde deseja, pois as pessoas são dotadas de almas passivas, que diante de um discurso encantador não refletem, não questionam, e se deixam levar passivamente.

Finalmente, é preciso assinalar que os sofistas nutrem um notório desprezo por questões como a origem mais profunda das coisas e a composição da matéria e dos seres. Numa palavra, rejeitam totalmente a metafísica. Para eles, o que importa é aquilo que tem utilidade. O válido é o que se pode usar no dia a dia, aquilo que pode tornar a vida melhor e mais fácil. Não se deve perder tempo com abstrações que para nada servem.

Originários de diferentes cidades – Protágoras era de Abdera e Górgias, de Leontini, por exemplo –, os sofistas convergiram para Atenas nas últimas décadas do século V antes de Cristo. Na então mais rica e movimentada cidade do mundo antigo, eram seguidos por grupos de jovens entusiasmados por seus ensinamentos. Estes consistiam em técnicas de convencimento. Para os sofistas, o importante era tornar o discípulo capaz de convencer o público a respeito de qualquer assunto que fosse. É por isso que eles ensinavam os alunos a falar bem e mal sobre o mesmo tema. Como tudo é relativo e passível de mudança, não interessava a eles o conteúdo do discurso, mas a forma como deveria ser proferido a fim de atingir seu objetivo – a persuasão do ouvinte.

Interessava também aos sofistas ensinar seus seguidores a transformar um discurso forte num discurso fraco e um discurso fraco num forte. O discurso forte, aqui, diz respeito às convicções do público. Os sofistas se compraziam em falar diante de ouvintes convictos de determinada opinião e, através de um discurso encantador, inverter essa certeza, de modo que o público, ao final do discurso, passava a defender opinião contrária à que sustentava antes. E vice-versa: fazer com que uma ideia antes rejeitada pelo público (discurso fraco) fosse aceita com ardente convicção.

Não é à toa que os sofistas, com suas ideias relativistas e ateístas, representaram um fator decisivo para a decadência de Atenas – entre outros motivos, como a Guerra do Peloponeso –, segundo alguns historiadores da Grécia antiga, como a francesa Jacqueline de Romilly. No livro *Problèmes de la démocratie grecque*, ela aponta que os sofistas contribuíram para fazer ruir as bases em que estava assentada a sociedade ateniense. Antes firmemente enraizada na religião e na moral tradicional, Atenas sofreu um abalo com as novas ideias trazidas por aqueles mestres da

persuasão, que tudo relativizavam, favorecendo a lassidão dos costumes, a descrença nos deuses e o enfraquecimento dos antigos valores da cidade.

Uma dificuldade que o moderno estudioso dos sofistas enfrenta hoje é que restaram muito poucos textos produzidos por esses mestres da palavra. Boa parte do que se tem de Protágoras, por exemplo, são informações contidas nos textos do filósofo Platão, um adversário da sofística. Por esses textos é que se toma conhecimento da mais famosa frase atribuída a Protágoras – “O homem é a medida de todas as coisas” –, que remete ao relativismo dos sofistas. Com ela, Protágoras quer dizer que as coisas são o que parecem ser a cada um. A mesma fruta pode parecer doce para uma pessoa e amarga para outra. O dia é frio para uns e quente para outros. Não há uma essência das coisas, que seria idêntica para todos, mas tudo está submetido à instabilidade da mera opinião – e não à certeza das verdades científicas, que para os sofistas não existem.

De Górgias temos mais do que apenas frases extraídas de fontes indiretas. Restaram dele um fragmento preservado pelo filósofo cético grego Sexto Empírico, o *Tratado do não-ente*, e um discurso completo, *Elogio de Helena*. É pouco, mas consegue-se ter, através desses textos, uma boa noção do pensamento e do estilo oratório do sofista de Leontini, que morreu em cerca de 375 antes de Cristo, com mais de cem anos de idade.

“Nada existe.” É dessa forma que começa o *Tratado do não-ente*, de Górgias. Com isso, ele não quer dizer que as coisas vistas no mundo sensível são falsas ou fruto de uma ilusão. Antes, essa expressão significa que não existe nada em essência. As coisas não têm uma essência perene, eterna, que pudesse ser determinada e que, portanto, estivesse livre do relativismo dos sofistas. “Se algo existisse, ele seria incognoscível e inconcebível pelo homem”, continua o *Tratado do não-ente*, pois, se as coisas pensadas não são entes, o ente não é pensado. Finalmente, “mesmo que algo possa ser apreendido, é incomunicável ao outro”, enfatiza Górgias, pois o meio pelo qual falamos é a palavra, e a palavra não é o mesmo que os subsistentes e os entes. “Logo, não são os entes indicados ao outro, mas a palavra, que é diferente dos subsistentes.”

Já o *Elogio de Helena* trata da mulher que, para os gregos, tinha sido a causa da Guerra de Troia e de todas as misérias e desgraças trazidas por aquele conflito. Como bom sofista, Górgias gostava de transformar o discurso forte num discurso fraco. Numa época em que todos acreditavam ter Helena traído o marido e partido voluntariamente para Troia, acompanhando o príncipe Páris, ou Alexandre, Górgias elaborou um discurso para defender a rainha de Esparta, inocentando-a de toda culpa.

Nele, o sofista de Leontini afirma que Helena só pôde ter ido para Troia por quatro motivos – e, em qualquer um desses casos, ela é inocente: primeiro, tratou-se de um decreto, de uma determinação dos deuses; segundo, ela foi raptada; terceiro, ela foi persuadida pelo discurso de Alexandre; e quarto, ela se apaixonou pelo troiano.

Se Helena foi para Troia em razão do primeiro motivo – decreto dos deuses –, ela é inocente, pois o ser humano não pode contrariar a vontade divina, que é infinitamente mais poderosa do que o querer dos homens. No caso de a rainha de Esparta ter sido raptada pelo troiano – a segunda hipótese citada por Górgias –, ela precisa ser antes pranteada do que injuriada e a acusação deve ser lançada contra aquele que cometeu tal ultraje, e não contra a vítima, que, indefesa, nada pôde fazer para evitar a infelicidade de ser arrastada à força para uma região distante.

A terceira e a quarta razão por que Helena poderia ter ido para Troia são especialmente importantes para refletir sobre a comunicação hoje – época em que o discurso dos meios de comunicação parece “arrastar” boa parcela da sociedade e a

imagem é predominante. Digamos, diz Górgias, que ela tenha sido seduzida pelo discurso de Alexandre. Ora, o discurso é um “grande soberano”, que através da palavra executa ações divinas. Ele tem o poder de fazer cessar o medo, tirar a tristeza, inspirar a alegria e aumentar a piedade, por exemplo. Ou seja, através do discurso o orador imprime no coração das pessoas o sentimento que ele deseja, “molda” a alma do ouvinte e dessa forma “arrasta” o público para onde quer.

No que diz respeito à possibilidade de Helena ter se apaixonado por Alexandre – a quarta hipótese –, Górgias lembra que a imagem do que se vê também molda a alma. Se uma pessoa vislumbra coisas temerosas, sente medo e foge. Se contempla coisas belas, é atraído por elas. E a imagem ainda imprime na alma o desejo de possuir o belo que se vê. Portanto, se Helena foi atraída pela visão do príncipe troiano, deve ser desculpada, pois essa visão a arrastou do mesmo modo como se tivesse sido raptada. “Assim, não só o atormentar, mas também o desejar é natural à vista. E muitas coisas em muitos produzem amor e desejo de muitas coisas e corpos. Se, então, pelo corpo de Alexandre, o olhar de Helena, tendo sentido prazer, desejo e combate de amor transmitiu à alma, que há de admirável?”, defende Górgias.

Isso é particularmente conhecido dos indivíduos da moderna sociedade capitalista, que, insuflados pelo discurso dos meios de comunicação e pelas imagens das campanhas publicitárias, se dão ao consumo dos mais variados produtos – sanduíches, refrigerantes, roupas, carros, celulares, eletrodomésticos –, até mesmo daqueles dos quais não têm a mínima necessidade.

Os sofistas deram uma importante contribuição para o comunicador do século XXI. Eles mostraram que a retórica – e o discurso dos meios de comunicação hoje – precisa ter encantamento, precisa ter atrativos para ganhar a atenção das pessoas. Sem essa magia provocada pelas palavras, a comunicação tende a cair na monotonia, na chatice, o que provoca inevitavelmente a perda de público.

Além disso, como foi mostrado, os sofistas foram responsáveis por uma verdadeira revolução na educação, ao permitir que mais pessoas, além da tradicional e privilegiada nobreza, tivessem acesso a um bem tão valorizado na época, o ensino da retórica. Com isso, eles podem ser considerados os fundadores da educação formal no Ocidente. Ao discutir sobre todos os assuntos, a fim de tornar seus alunos hábeis em defender e refutar qualquer argumento, eles acabaram criando mesmo o conceito de “cultura” e tornaram-se os primeiros humanistas e defensores da liberdade de expressão.

Porém, não se pode deixar que essas qualidades encubram os problemas decorrentes da atuação dos sofistas. Foi dito, no início deste capítulo, que os sofistas levaram às últimas consequências a tradição de retórica elaborada pelos pitagóricos. Poderíamos dizer até que eles abusaram dessa forma de convencer o ouvinte. Pois fizeram do discurso encantador um meio de impor seu ponto de vista, sem dar ao público a oportunidade de questionar, de analisar, de debater sobre o que discorriam. Não estavam dispostos a informar as pessoas, mas tão somente fazê-las concordar com o que diziam. Transformavam os ouvintes não em interlocutores, e sim em meros objetos, que deveriam aceitar passivamente as suas palavras e seguir suas orientações.

Essa é a opinião do filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997). No ensaio *Missbrauch der Sprache – Missbrauch der Macht* (Abuso da linguagem – abuso de poder), Pieper afirma que a palavra possui duas características essenciais, sem as quais ela se corrompe. Primeiro, a palavra torna nítida a realidade. Fala-se para tornar conhecível algo da realidade. Segundo, a palavra tem caráter comunicativo. Ou seja, fala-se para comunicar algo (a realidade) a alguém.

Quando a palavra não está revestida dessa dignidade – quando não é usada para comunicar a realidade a alguém –, corrompe-se a linguagem. A mentira, por exemplo, não pode ser considerada verdadeira comunicação, pois aquele a quem se mente só em aparência participa da realidade.

Ora, o que os sofistas fizeram foi “emancipar-se” do objeto, na expressão de Pieper. Ou seja, eles não tinham a preocupação de falar a verdade, de mostrar a realidade, mas simplesmente buscavam convencer o público através da magia provocada pelo discurso. Num caso como esse, a verdadeira comunicação desaparece e, com isso, a relação humana entre quem fala e quem escuta se modifica.

Essa relação se modifica, explica Pieper, porque quem se dirige a outro manipulando conscientemente a palavra, sem se ocupar expressamente com a verdade, mas visando a algo distinto dela, não trata esse outro como igual, não o respeita propriamente como pessoa humana. Com isso, o diálogo termina e começa o que se chama “adulação” ou “discurso adulatorio”. Nesse tipo de discurso, o que mais importa não é dizer algo amável a alguém, mas “para que” se diz. Nele, o que fala transmite um discurso não para conceder um favor ao outro, mas para que o outro lhe faça algo. O outro, a quem se fala para agradar, não é considerado um sujeito. Mais propriamente, ele é um objeto, um objeto de uma intenção de poder, submetido à manipulação.

Não é difícil perceber que essa é uma característica muito presente hoje nos meios de comunicação, que muitas vezes estão mais interessados em convencer o público – convencer a comprar um produto, a pensar de uma determinada forma ou simplesmente a dar-lhe audiência – do que em prestar um serviço relevante à sociedade. Como diz Pieper, a sofística está muito mais próxima de nós do que se pensa.

Pieper não foi o único a apontar os riscos e a ameaça do discurso sofisticado. Na Grécia antiga, o filósofo Platão já fazia a mesma denúncia, como se verá a seguir.

Platão e a retórica

O filósofo grego Platão (427-347 antes de Cristo) é o grande adversário dos sofistas. Boa parte de seu pensamento está marcada pela oposição às ideias desses mestres da linguagem. O relativismo e o ateísmo sofisticado, a visão de que a alma é passiva, o tipo de retórica praticado por Protágoras e Górgias – tudo isso será contestado por Platão, que investirá sua carreira em propor outro modelo para a formação humana, muito diferente da educação oferecida pelos sofistas, baseada no ensino de técnicas de persuasão.

Nascido em Atenas, Platão, aos 20 anos de idade, teve um encontro que marcou sua existência para sempre – o encontro com o filósofo Sócrates, de quem se tornou discípulo. Provavelmente, foi Sócrates quem imprimiu nele o desejo de buscar o sentido mais profundo das coisas, a essência dos seres, que Platão vai perseguir pelo resto da vida.

No ano 399 antes de Cristo, aconteceu um fato igualmente marcante para Platão: a morte de Sócrates. Como mostrado na Introdução, Sócrates foi levado aos tribunais populares de Atenas sob a acusação de corromper a juventude e de não crer nos deuses da cidade. Ali, usando a mesma retórica encantadora dos sofistas, seus acusadores conseguiram convencer os cidadãos atenienses da culpa do filósofo, que acabou sendo condenado à morte.

Platão não se conformou. Aos seus olhos, a cidade de Atenas cometeu a maior das injustiças ao condenar à morte o homem mais sábio da Grécia. Tem origem aí,

possivelmente, o verdadeiro ódio que o filósofo nutre pela democracia, para ele o pior regime de governo, pois se trata não do espaço da liberdade individual, mas da ditadura da maioria, em que prevalece a opinião dos mais hábeis na arte da persuasão e as decisões são tomadas sob a pressão das multidões. Se estas, em sua irracionalidade, insufladas por oradores loquazes e mal intencionados, tomarem decisões que levem à destruição da cidade, todos os cidadãos terão o mesmo trágico fim, inapelavelmente. Isso é a democracia, segundo o filósofo.

Arrasado com a morte do mestre – obrigado a tomar cicuta, um veneno mortal –, Platão deixou Atenas e se dirigiu para Siracusa, na Sicília, então comandada pelo tirano Dionísio. Nessa cidade, o filósofo tentou colocar em prática suas concepções políticas – de que se falará adiante –, sem sucesso.

Ao voltar para Atenas, em 387 antes de Cristo, Platão tomou uma iniciativa que teria vastas consequências para a cultura ocidental: ele fundou uma escola de ensino superior, a que deu o nome de Academia, assim chamada por ter sido implantada num bosque dedicado ao herói da mitologia grega Academo.

Na Academia eram estudadas “todas as coisas divinas e humanas”, na formulação de seu fundador, com total liberdade de pensamento. Sua influência na cultura ocidental foi tão grande que o nome academia se transformou em sinônimo de universidade. Em atividade por mais de 900 anos – ela foi fechada somente em 529 depois de Cristo pelo imperador cristão Justiniano, que a considerava um “centro de paganismo” –, tornou-se o modelo das universidades ocidentais, fundadas a partir do século 12, em Paris, Oxford e Bolonha, entre outras cidades. Essas instituições surgiram com o propósito declarado de concretizar o ideal da Academia de Platão, ou seja, estudar todas as coisas divinas e humanas, com total liberdade. Hoje esse ideal continua a definir o que é uma universidade, embora as instituições de ensino superior – cada vez mais pressionadas pela necessidade de atender ao mercado – por vezes se afastem dele.

Foi na Academia que Platão passou o resto de sua vida – com exceção do período em que fez duas viagens a Siracusa, aonde voltou para, de novo sem sucesso, tentar implantar suas ideias políticas. Naquela escola ele compôs a maior parte de sua obra, formada por cerca de 30 livros. Esses livros são chamados “diálogos” porque foram escritos na forma de uma conversa entre duas ou mais pessoas. Geralmente, o personagem dos diálogos de Platão é Sócrates.

No diálogo *Apologia de Sócrates*, por exemplo, Sócrates expõe sua defesa perante os tribunais de Atenas, que logo depois iriam condená-lo. Em *Críton*, o filósofo conversa com o discípulo Críton sobre o dever de obedecer às leis da cidade, mesmo no caso em que elas o condenam à morte. Já em *Eutífron* o tema é a piedade. Nele, Sócrates quer saber o que é a piedade em sua essência.

Esses primeiros diálogos de Platão, compostos ainda na sua juventude, são chamados de “aporéticos”, palavra de origem grega que quer dizer “sem saída”, “sem solução”. É que, nesses textos, geralmente não se chega a uma conclusão definitiva sobre o tema debatido. E isso acontece porque, para Sócrates e Platão, não é possível chegar ao conhecimento mais íntimo das coisas. Por exemplo, o que é, em sua essência mais profunda, a coragem, tema do diálogo *Laques*, ou a amizade, que se busca em *Lísis*? O que é o bem? O que é o mal? O que são a vida e a morte? Não há respostas prontas e acabadas para tais questões.

Ao demonstrar essa insuficiência da razão diante das grandes questões da existência humana, Sócrates se tornou o fundador de uma tradição de pensamento a que se dá o nome de filosofia negativa. Essa tradição reconhece que o intelecto humano, embora possa obter conhecimentos sólidos e profundos, é incapaz de atingir

a essência mais íntima das coisas. Ela se opõe à filosofia afirmativa, racionalista, pronta a dar respostas claras e cabais para tudo.

Nos diálogos platônicos de juventude, considera-se que, quando o personagem Sócrates fala, Platão está expressando o pensamento do mestre. Já nos diálogos da maturidade, Platão expõe suas próprias ideias através de Sócrates. É o que parece acontecer, por exemplo, nos diálogos *Protágoras* e *Górgias*, em que Sócrates conversa com os dois grandes sofistas a respeito da retórica, do verdadeiro e do falso e de outros temas.

Um dos mais importantes diálogos de Platão é *O Banquete*, também da fase da maturidade do filósofo. Ele relata um banquete em que estão presentes Sócrates e outras personalidades de Atenas, como o autor de teatro cômico Aristófanes. Logo no início do encontro, combina-se que, ao longo da refeição, cada um dos presentes deve fazer um discurso em honra de Eros, deus do amor. É o que acontece. Cada um por sua vez, os presentes proclamam o seu elogio ao deus. Aristófanes, como não podia deixar de ser em se tratando de um autor de comédias, faz um hilariante discurso. Ele diz que, em sua origem, os seres humanos eram hermafroditas e tinham duas cabeças, quatro braços e quatro pernas. Depois, como um castigo pela arrogância humana, Zeus dividiu essas criaturas e espalhou-as pela terra, de modo que a parte feminina foi para um lado e a parte masculina, para outro, cada uma com uma cabeça, dois braços e duas pernas. É por isso que, desde então, homens e mulheres buscam desesperadamente a sua “outra metade” ou sua “alma gêmea”.

Desta vez, nesse diálogo, Sócrates não faz um discurso próprio, mas apenas reproduz um diálogo que manteve com a sacerdotisa Diotima de Mantineia. É ela que expõe o conceito platônico de amor, que, por sua vez, é bem diferente da noção popular de “amor platônico”, visto como um desejo intenso por algo inacessível, um “amor impossível”. Na realidade, o amor, em Platão, se refere à aspiração da alma pela perfeição absoluta, pelo mais puro Belo, pela plenitude do ser.

Outro diálogo de Platão é o *Timeu*, que trata da origem do universo. Curiosamente, Platão desenvolve, nesse texto, uma visão da Criação muito semelhante à exposta no livro bíblico do *Gênesis*. O filósofo defende que o universo teve um início, pois todas as coisas sensíveis estão submetidas ao nascer e ao morrer. E, como tudo o que nasce surge pela ação de uma causa, é necessário que o mundo tenha um criador – ou um *demiurgós*, um “artífice”. Esse criador é a mais perfeita causa, pois o mundo é a mais bela das coisas nascidas. Da mesma forma como uma causa ruim provoca coisas más, também uma causa boa só pode fazer coisas boas. Como o mundo é maravilhoso – o mar, o céu, as flores tornam essa afirmação incontestável –, deve-se concluir que o criador é sumamente bom. Trata-se, claramente, de uma visão perfeitamente compatível com a doutrina judaico-cristã de criação do mundo.

Convém mencionar ainda um dos mais extensos diálogos de Platão, *A República*, em que o fundador da Academia discute as características de uma cidade ideal. O *Fédon*, em que Sócrates demonstra a imortalidade da alma, o *Parmênides*, que questiona a filosofia platônica, e as *Leis*, o último e inacabado texto de Platão, são outros importantes livros do filósofo. É nesses diálogos, escritos com tanta beleza estilística, que Platão expõe sua filosofia, de que se falará a seguir.

Para caracterizar o pensamento de Platão, é preciso começar pela famosa teoria das Ideias, com que o filósofo busca explicar a origem do mundo sensível. Para ele, todas as coisas – a árvore, a pedra, o cachorro, o homem – não têm propriamente realidade, mas são cópias, sombras, reflexos daquelas Ideias perfeitas, eternas e imutáveis que se encontram no mundo ou no lugar das Ideias, que lhes dão origem. Uma árvore, por exemplo, é cópia da Ideia eterna de árvore. A árvore que existe no mundo sensível tem existência somente porque, como uma cópia, participa da Ideia de

árvore. O mesmo se dá com a pedra, que existe porque participa da Ideia de pedra, com o cachorro, que participa da Ideia de cachorro, e assim por diante.

As Ideias são a essência das coisas que participam delas. São elas que o homem precisa contemplar, se quiser conhecer a verdade. Se se restringir a estudar as coisas do mundo sensível, ele terá um conhecimento extremamente limitado, já que essas coisas são apenas cópias das Ideias. O mundo ou lugar das Ideias constitui a plenitude da realidade e mostra que a verdade absoluta existe, ao contrário do que sustentavam os sofistas.

Para tornar esse conceito mais inteligível, Platão concebeu o mito da caverna, que se encontra no livro VII do diálogo *A República*. De acordo com esse mito, alguns homens estão presos numa caverna. Desde que nasceram, acham-se acorrentados ali de tal modo que não podem olhar sequer para os lados; só para a parede no fundo da caverna. Atrás deles há uma fogueira e, entre eles e esse fogo, passam constantemente pessoas carregando diversos objetos, como estatuetas. Com isso, o fogo lança sobre a parede da caverna as sombras dos objetos que passam. E é isso que aqueles homens veem. Como se encontram nessa situação desde que nasceram, eles acreditam cegamente que aquelas sombras são a realidade. Um deles é libertado e levado para fora da caverna, quando então descobre que, até então, só vira sombras e que a realidade estava do lado de fora. Se retornar para o fundo da caverna, certamente será chamado de louco e ridicularizado por seus antigos companheiros de prisão. Com esse mito – que, de quebra, ao colocar imagens em movimento numa tela plana, descreve o cinema mais de 2 mil anos antes da invenção dessa tecnologia –, Platão quer mostrar que as coisas do mundo sensível são meras sombras da realidade perfeita, que está no mundo das Ideias.

Ainda segundo Platão, o ser humano é capaz de atingir as Ideias através da reflexão, do pensamento, do raciocínio. Essa capacidade lhe advém do fato de que é dotado de uma alma cuja estrutura, para o fundador da Academia, é muito diferente daquilo que supunham os sofistas, que, como foi visto no capítulo anterior, afirmavam que a alma é “essencialmente passiva” e “totalmente aberta a tudo que recebe de fora”.

Para Platão, a alma está dividida em três partes: a racional, a irascível e a apetitiva. A parte racional é responsável pelo pensamento, pela análise, pela crítica, pelo raciocínio. À parte irascível corresponde o instinto de autopreservação do indivíduo, que o reveste de coragem, medo, ira e outros sentimentos que o protegerão contra perigos mortais. Já a parte apetitiva diz respeito às necessidades fisiológicas do ser humano, como comer, beber, dormir, descansar e procriar. Para Platão, é necessário que a parte racional domine a alma, a fim de dar equilíbrio ao indivíduo. Ela será responsável pela moderação em todas as coisas. Se a parte apetitiva dominar a alma, por exemplo, o indivíduo – sem a parte racional para refreá-lo – poderá sucumbir diante da glotonaria, da embriaguês e do sexo desenfreado. O predomínio da parte irascível resultará num indivíduo que se enfurece ao menor sinal de contrariedade. Cabe à parte racional ordenar bem a alma, evitando os excessos e orientando à moderação.

O conceito de alma é tão importante para Platão que ele constitui a base de suas ideias políticas – que por três vezes o filósofo tentou implantar em Siracusa, sem nunca ter obtido sucesso. Para o filósofo, a cidade ideal será aquela que tiver bem ordenadas três classes de indivíduos, que correspondem às três partes da alma: os agricultores (equivalente à parte apetitiva), responsáveis pela produção de alimentos; os soldados (a parte irascível), que cuidam da proteção da cidade; e os filósofos (a parte racional), que pensam e definem o melhor para os cidadãos. Dessa classe de filósofos sairá um deles para governar soberanamente – aquele que chegou à

contemplação da Ideia do Bem, a principal das Ideias, e por isso sabe como difundir o bem na cidade. Esse será chamado de rei-filósofo.

Contra a retórica dos sofistas, Platão desenvolve a dialética, um “jogo” cujo objetivo é chegar à verdade de uma determinada tese ou afirmação. Esse “jogo” consiste num intenso diálogo em que os interlocutores fazem uma série de perguntas e dão respostas um ao outro. Se, depois de tanto discutir, não chegarem a um acordo, isso significa que a tese é falsa. Se, porém, após muito diálogo, ambos chegam a um consenso e aceitam como válidos os argumentos empregados, é porque a tese é verdadeira e eles alcançaram a verdade. A dialética, para Platão, é “a verdadeira retórica”, que conduz à verdade das coisas, como diz o filósofo no diálogo *Fedro*, enquanto a retórica dos sofistas é a “falsa retórica”, um embuste, uma enganação, e por isso precisa ser rejeitada.

Um modelo de comunicação hipoteticamente fundado nas ideias de Platão seria completamente diferente daquele com base no pensamento sofístico – que tem por fim unicamente convencer os ouvintes através de um discurso encantador. Num modelo platônico, a comunicação tem compromisso com a verdade das coisas e busca revelar a essência do tema discutido. O comunicador respeita o público como um ser racional, capaz de analisar, criticar, avaliar a mensagem transmitida, ao invés de aceitá-la passivamente. Justamente por isso, a comunicação tem, nesse modelo, um conteúdo profundo e significativo – caso contrário, perde público, já que este é dotado de alma racional e busca informações de qualidade.

E ainda: a comunicação influenciada por Platão é marcadamente dialética, constantemente preocupada com o chamado *feed-back*, com a realimentação, com a participação do público. Parafraseando Platão, para quem a retórica dos sofistas é falsa e a verdadeira retórica é a dialética, talvez se possa dizer que, hoje, a comunicação – aquela em que o comunicador fala e o público apenas ouve – é falsa, pois a verdadeira comunicação é a que necessariamente conta com a participação do público.

Referências bibliográficas

GÓRGIAS. *Elogio de Helena*, tradução de Maria Cecília de Miranda N. Coelho, in *Cadernos de tradução*, número 4. São Paulo: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 1999, p. 15-19.

_____. *Tratado do não-ente*, tradução de Maria Cecília de Miranda N. Coelho, in *Cadernos de tradução*, número 4. São Paulo: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 1999, p. 11-14.

KENNEDY, GEORGE. *The art of persuasion in Greece*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

PIEPER, JOSEF. “Missbrauch der Sprache – Missbrauch der Macht” in *Werke*, Herausgegeben von Berthold Wald. Hamburg: Felix Meiner Verlag, volume 6, páginas 132-151.

_____. “O diálogo como lugar da verdade”, tradução de Roberto C. G. Castro, in *Notandum*, número 31, janeiro-abril de 2013, p. 75-76.

PLATÃO. *A República*, tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, 7ª edição.

_____. *Fedro*, tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da UFPA, 2011.

_____. *Górgias*, tradução de Daniel R. N. Lopes. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2011.

_____. *Protagoras*, in *The works of Plato*, translated by Benjamin Jowett. New York, Modern Librar, 1956.

_____. *Sofista*, tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril, 1972.

_____. *Theaetetus*, translated by Benjamin Jowett. New York: The Modern Library, s/d.

PLEBE, ARMANDO. *Breve história da retórica antiga*, tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU/Edusp, 1978.

ROMILLY, JACQUELINE DE. *Problèmes de la démocratie grecque*. Paris: Hermann, 1975.

Recebido para publicação em 11-05-13; aceito em 12-06-13